

Antônio da Silva Câmara, Greice Bezerra, Renan Souza Miranda, Rodrigo Lessa, Tais Vital

O Caminho das Nuvens: representação da vida no Nordeste ou saga urbana?

Antônio da Silva Câmara é Doutor em Sociologia pela Universidade de Paris VII, Professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFBA e Coordenador da Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFBA. Os demais autores são estudantes de Ciências Sociais integrados ao Projeto de Pesquisa: As representações da vida rural no cinema brasileiro, desenvolvida no âmbito do Departamento de Sociologia da Pós-graduação em Ciências Sociais, orientados pelo Prof. Câmara.



O filme *O Caminho das Nuvens*, segundo seu diretor, é inspirado em uma história real ocorrida em 1998, quando um casal de paraibanos resolveu migrar para o Rio de Janeiro com seis filhos. O diretor informa também que os personagens do filme foram construídos tomando por base um documentário de sua autoria, *2000 Nordestes*, fruto de uma aventura cinematográfica quando percorreu cinco estados desta região, gravou 30 horas e entrevistou 200 pessoas. Segundo ele este documentário o pôs em contato com o imaginário da região Nordeste, derivando daí uma visão singular que será explorada no filme, considerando que o Nordeste atual difere daquele retratado por *Vidas Secas* e que apresenta características pop:

Encontramos uma região muito diferente da que conhecíamos de *Vidas Secas* e *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (aliás, cenas dos dois filmes intercalam os depoimentos atuais). O Nordeste é muito menos óbvio e mais pop do que se imagina, com uma capacidade de deglutição a cultura de massa de forma muito diferente da que ocorre no Rio e em São Paulo.

A história ficcional toma, portanto, a realidade concreta como ponto de partida não se atendo, no entanto, aos limites do cotidiano; ao contrário, como cabe a uma obra de arte, recria as relações sociais e nela insere novos elementos. Discutiremos, ao longo deste texto, até que ponto tal premissa é respeitada pelo diretor e, em que medida, esta obra de arte contribui para

a reflexão sobre as condições de vida dos nordestinos do sertão.

Reconstruindo o enredo do filme

O enredo do filme é construído em torno da obstinação de Romão (personagem central, esposo e pai de quatro filhos) em conseguir um emprego com salário de 1000 reais. Para isso, ele vislumbra a necessidade de abandonar sua terra de origem, não definida no filme, no interior da Paraíba, e viajar com toda a família, utilizando-se apenas de quatro bicicletas como veículos.

A cena inicial indica a busca por emprego em qualquer lugar do mundo que pudesse remunerá-lo com 1000 reais: em uma encruzilhada de uma estrada empoeirada, Romão pede a Rose para ler uma placa na qual está escrito: Praça do Meio Mundo. Este será o caminho a ser seguido, o do mundo desconhecido em busca de um emprego digno para um pai de família.

Um "quase acidente" com o filho menor de Romão, esquecido sozinho na estrada, marcará um novo momento significativo, propiciando um diálogo deste com um incrédulo motociclista originário do Rio de Janeiro, diante da sua determinação em viajar até Juazeiro do Norte para buscar a benção do "padim Ciço" e continuar seu caminho até conseguir o emprego pretendido.



Na seqüência veremos, no caminho para Juazeiro, a sua mulher e um dos seus filhos menores buscarem o sustento, cantando, em um bar, músicas de Roberto Carlos o que, aliás, acompanhará o filme, constituindo-se na sua principal trilha musical. Inicia-se também o conjunto de contrariedades entre o pai e seu filho mais velho, o primeiro buscando exercer a sua autoridade sobre toda a família, o segundo inspirando-se no pai para "virar homem", ao mesmo tempo em que questiona sua autoridade devido à sua loucura de viajar mundo afora para conseguir um trabalho adequado.

A primeira cidade registrada na viagem é Patos (Paraíba). Nesta, o choque entre a tecnologia avançada e os migrantes, oriundos do sertão, ocorrerá com Antônio, filho mais velho, e um dos filhos menores. Por terem acionado accidentalmente um telão que passou a reproduzir um filme em espanhol, o menino assustado ouve as palavras de uma atriz no filme que parece dirigir-se a ele com voz apaixonada. Romão porá um fim na aventura: "Como é que você deixa seu irmão ver essas coisas", "Que é que tu tem na cabeça", "Isso não é um filho é um castigo do céu". As desavenças já citadas entre pai filho adquirem contornos mais nítidos com o pai cobrando do filho que vire homem, o que implicaria em trabalhar, ganhar dinheiro, ter mulher.

Após novo incidente na viagem, com a família sendo posta para fora de uma casa desocupada e Antônio tendo sofrido um golpe no nariz, a família encontra apoio num vereador de

uma segunda cidade: São Bento, cidade dedicada à produção de redes. A prática política do vereador que, acolhe a família, consegue trabalho para Rose e incentiva Romão a conseguir uma atividade, sem dúvida assemelha-se ao que acontece cotidianamente nos rincões mais distantes do Nordeste, mas acenchará também o papel produtivo da mulher Rose que se dedica com afinco à produção de redes. Isto durará pouco, pois, desconfiado da impossibilidade de conseguir seu emprego de 1000 reais, Romão resolve retomar o caminho para Juazeiro do Norte. "Eles dizem ter serviço, mas não tem serviço não". Por isso, Romão novamente enfrenta o filho adolescente que reage: "tolice, vou ficar aqui em São Bento".

O caminho para Juazeiro será duro, a família passa fome, as crianças e a mãe tornam-se pedintes. Sofrimentos iguais conhecerão em Juazeiro, local no qual Romão provará sua fé no Padre Cícero e sua determinação em continuar a sua viagem. Nesta cidade, ele levantará a mesa do padre Cícero que, segundo a lenda, só poderia ser feito por aqueles limpos de coração. Com o sucesso do seu ato, conseguirá ajuda para mitigar a fome da família. A partir deste momento Romão decide que o destino da família será o Rio de Janeiro. Comentando a falta de apoio das pessoas, Romão comentará: "tanta gente, tanta casa, ninguém deu nada pra gente...". Rose compreendeu que as pessoas ou não querem ou não podem dar, pois, segundo ela, "ninguém vai tirar a comida da boca dos seus filhos



para dar para um estranho". Um novo conflito entre pai e filho ocorrerá em decorrência da religião. O pai, de modo messiânico, afirma: "Quem dá aos pobres empresta a Deus". O filho responde: "E Deus paga quando?"

A próxima cidade será na Bahia. Antônio, junto com um dos seus irmãos menores (novamente após um quase atropelo), encontra um templo (Mãe do Belo Amor) com objetos de romaria e um pote com oferendas em dinheiro que, nas brinadeiras da criança, parte-se. Antônio coleta muitas cédulas e parte com elas. Na sequência, teremos a cidade de Filadélfia (Bahia), com nova tentativa de Antônio de conseguir atingir a idade adulta. Com este propósito, o menino vai para a festa da cidade mas, logo, temeroso, retorna ao local no qual a família está abrigada. Pela primeira vez o pai não se conflita com ele, dando-lhe um cigarro para fumar.

A próxima cidade: Feira de Santana marcará a tentativa de Antônio em acabar com o sofrimento da família utilizando-se do dinheiro que apanhou no templo para comprar passagens para o Rio de Janeiro. Novamente, ocorrerá confrontamento com o pai que o acusa de ter roubado o dinheiro. A desconfiança de roubo é tratada com bastante dureza, com os bilhetes sendo rasgados e jogados fora: "a gente pede porque a gente é pobre, mas a gente não rouba não".

A próxima paragem será Porto Seguro, onde, instado pela mulher, Romão aceita um serviço para o qual ele e dois

dos filhos foram selecionados. O trabalho consistia em vestir-se como índios Pataxós e dançar o Quarup, tido pelo apresentador - falando espanhol para turistas - como o natal ou a festa das bruxas dos índios. Tal atividade não será levada até o fim pois o filho não selecionado (Antônio), esgueirando-se no local do show, flagrou o pai em postura ridícula. Porto Seguro também será palco de novo atrito entre ambos, quando Antônio, encantado pela boate local e moças que lá conheceu, decide ficar na cidade e não seguir viagem. O pai, pela primeira vez, entende que é preciso dar liberdade ao filho para seguir sua própria vida e o deixa na cidade.

Em Gurapari (Espírito Santo), ocorrerá o reencontro da família com Antônio, após o que poderíamos chamar de primeira desilusão amorosa do adolescente que, no dia seguinte à festa, não foi reconhecido pela jovem mulher com quem comemorou no dia anterior, sendo humilhado pelo empresário do Quarup e agredido pela mulher que lhe desfere um soco no rosto.

Nos arredores do Rio, enfim, o pai arranja um emprego para o filho na construção civil, "esse emprego não serve para mim, mas serve pra você", e continua sua viagem para o Rio. Neste, toda a família trabalha cantando, vendendo souvenirs etc. Por fim, Romão começa a especular a possibilidade de continuar a viagem para Brasília, mas Rose encerra com o sonho, afirmindo que não permitirá a retomada da estrada.



Os planos de estudo do filme

Vários são os planos que podem ser abordados neste filme: migração, religiosidade, relações familiares e a modernidade versus tradição. Todos esses estão entrelaçados e merecem ser analisados após essa síntese da narrativa do filme.

A dimensão da migração aparece aqui em contraste com filmes como *Vidas secas* que tomou por referência o romance homônimo de Graciliano Ramos. Naquele filme, a família abandona seu lar tangida pela seca e pela fome - o sonho maior a que tinham direito em tempos de chuva era poder um dia dormir em uma cama. A família, na sua longa viagem pela região vitimada pela seca, sofre injustiças, passa fome, perde os animais de estimulação. O Nordeste semi-árido, vítima da seca e dos coronéis, aparece com toda força dramática. Já em *O Caminho das nuvens* a migração aparece como um sonho urbano de alguém que definiu arbitrariamente que precisa de mil reais para sustentar a família. A migração não é decorrente das necessidades materiais mais urgentes, pois estas até poderiam ser satisfeitas na cidade de São Bento, mas do apelo por um mundo muito melhor.

Dessa forma, o filme afasta-se das condições concretas da vida do nordestino que até os dias de hoje migra para o sudeste em busca de trabalho, não importando o salário que poderá ganhar. O filme não atenta, também, para a nova fase na

qual nos encontramos, quando os nordestinos retornam de São Paulo por se encontrarem desempregados e marginalizados naquele Estado.

Se a migração aparece apenas como decorrente da tenacidade, obstinação e mesmo da fé de Romão, ela se encontrará sempre envolvida no conflito tradição-modernidade. A tradição será reafirmada a cada passo pela posição do marido na família, como o chefe que dirige o grupo de acordo com seu desejo, com o respeito da mulher às suas decisões e a imposição de suas ordens ao filho contestador. O mesmo se repetirá no conjunto de preceitos morais e religiosos defendidos pelo chefe da família e estendido aos demais membros. Mas esta autoridade já não é inquestionável pois o pai, ao defender uma viagem tão longa e, ao mesmo tempo, ao centrar-se na sua utopia evitando o comprometimento como atividades de trabalho no cotidiano, aos olhos dos seus não aparece exatamente como um exemplo a ser seguido.

A oposição modernidade/tradição permitirá ao pai, depois de tantos conflitos com o filho, compreender que mãe e pai não são donos dos seus filhos e que estes devem ter autonomia para decidir seu destino. Por fim será a mesma oposição que enfraquecerá o poder paterno e levará a mulher a decidir o local definitivo de moradia, pondo um fim à aventura de viajar.

A migração e a crise da autoridade paterna, que ocorre ao longo de todo o percurso, também apontam para a vitória da



modernidade em relação aos padrões tradicionais vividos no Nordeste. O mesmo pode-se dizer da extrema religiosidade de Romão, que o leva a suspender a mesa de padre Cícero, fé necessária para continuar a viagem. Contraditoriamente, será esta fé que guiará Romão no caminho da modernidade, logo se voltando contra si mesma, na medida em que a continuidade da viagem enfraquece, também, a religiosidade do personagem principal. Por outro lado, o restante da família não apresenta tanta religiosidade, inclusive com o filho mais velho mostrando-se completamente cético em relação a Deus.

O que talvez possamos utilizar como uma justificativa no filme para esta busca do meio urbano mais desenvolvido encontra-se nos indícios de que o próprio Nordeste já estaria inserido no moderno. Isso se dá, seja através das músicas de Roberto Carlos, seja com a boate que tentou o menino nas últimas cidades e, principalmente, com a falsa apresentação do Quarup com a indústria do show business atuando em Porto Seguro, utilizando-se de pessoas simples e desempregadas para mostrar uma pseudodança indígena para turistas estrangeiros. Dessa forma e, talvez de modo justo, o diretor aponta para contradições encontradas no Nordeste nos dias atuais, mas talvez se limite apenas a isso. Registra a indústria cultural e seus tentáculos alcançando o Nordeste mas não nos permite visualizar os contrastes geográficos e sociais existentes no interior da região.

A cinematografia que revelou o Nordeste para o Brasil

no período do cinema novo destacou também a forte religiosidade e o misticismo na região, mas atentou para a injustiça social e propôs uma saída revolucionária. Aquele Nordeste sublevado por Canudos, pelo Cangaço e pelas Ligas Camponesas terá sua versão cinematográfica e apontará para os paradoxos da luta revolucionária no país. O projeto dos cineastas refletiu-se nos seus filmes. No entanto a matéria prima dos problemas do Nordeste não era ilusória, ela correspondia efetivamente à miséria, seca, fome e rebeldia camponesa. Já em *O Caminho das Nuvens*, a seca e a pobreza não encontram expressão, não se vinculam ao trabalho do homem do campo ou mesmo das vilas pobres do Nordeste. Não se identifica outro motivo para a migração que não o do desejo individual de percepção de um salário superior aos locais; a exploração e a injustiça não são registradas ou, talvez quando assim aparecem, restringem-se ao papel do gerente da indústria cultural. Dessa forma, desaparece a figura do coronel e as dificuldades vivenciadas pelos nordestinos das regiões interioranas.

A dificuldade de viver no sertão, configurada mesmo em filmes mais recentes como *Abril despedaçado*, que apresenta a dureza do trabalho e da moedura da cana, cede lugar a um procedimento similar ao realizado em *Central do Brasil*. Neste filme, o retorno ao Nordeste é possível e desejável, pois não se encontram mais as condições originais que expulsaram os pais do menino Josué, um dos personagens principais, para o



Rio de Janeiro. Em *O Caminho das nuvens* utiliza-se um percurso oposto, a fuga do Nordeste equivale à fuga de qualquer outra região, pois ela não é determinada pela falta de trabalho, pela fome e pelo sofrimento da vida cotidiana. Mesmo quando os personagens passam fome, isto ocorre devido à própria viagem e não é determinada pelas dificuldades regionais. Talvez por isto, as condições de vida no campo nordestino são omitidas, apenas as luzes das cidades e a determinação do personagem principal são enfocadas. O olhar metropolitano sobre as regiões mais distantes do sudeste se impõe neste filme, talvez a começar pelo sonho de Romão que seria mais adequado para um trabalhador de grandes metrópoles.

Parece então que ao buscar o pop no Nordeste, o diretor do filme aproximou-se mais do sudeste do que das contradições que dilaceram a vida dos homens e mulheres pobres que habitam o sertão nordestino, contribuindo, talvez involuntariamente, para ampliar o contingente de obras cinematográficas que apreende esta região com o olhar estrangeiro. Por isso ela permanece exótica e os seus personagens oscillam entre a dura lida da vida cotidiana e ilusões urbanas, próprias daqueles que decidiram representá-los. Por isso, a possibilidade de esta obra de arte retornar ao cotidiano e permitir aos nordestinos refletirem sobre sua própria existência são bastante limitadas.

Referências Bibliográficas:

- ADORNO, Theodor W; HOKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ASTIDE, Roger. *Arte e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- BENJAMIM, Walter. *A Obra de Arte na era de sua reproduzibilidade técnica*. In: *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense. 1985, p. 165-197.
- HEGEL, W. F. *Estética 1*. Buenos Ayres: Siglo Vinte, 1983.
- JAMESON, Fredric. *Espaço e Imagem. Teorias do Pós-Moderno e outros escritos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.
- LUKÁCS, G. *El filme*. In: *Estética I*, Vol 4. Barcelona: Grijalbo, 1982, p. 173-206.
- _____. *Los problemas del reflexo en la vida cotidiana*. In: *Estética I*. Vol. 1. Barcelona: Grijalbo, 1982, p.33-146.

Referências eletrônicas:

- www.cinemaemcena.com.br
www.nordesteweb.com
www.centraldobraisil.com.br/front.htm

Referências filmicas:

- O Caminho das Nuvens*. Diretor Vicente Amorim, 2003.
Abril Despedaçado. Diretor Walter Salles, 2000.
Eu, tu, eles. Diretor Andrucha Waddington. 2000.
Central do Brasil. Diretor Walter Salles. 1998.
Vidas Secas. Diretor Nelson Pereira dos Santos. 1963.

